

humanitas

Vol. LX

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. LX



63-64): “Il socratismo dovette apparire a Platone come una fase minore della filosofia, che bisognava far crescere, uscire dalla minorità, avviare all’età adulta. Sono facilmente avvertibili nei dialoghi i segni di un distacco critico del discepolo verso il maestro, di un suo atteggiamento ironico, a volte persino di una crescente irritazione – segni attribuiti agli interlocutori di Socrate, che senza dubbio parlano a nome dell’autore, oppure alle frequenti ‘autocritiche’ fatte pronunciare dallo stesso personaggio ‘Socrate’. Accanto ad essi, vi sono poi le critiche esplicite, sul cui bersaglio i fruitori dei dialoghi non potevano certamente equivocare: esse colpiscono l’inconcludenza e persino la pericolosità di una pratica della confutazione senza sbocchi positivi, insomma l’incompiutezza di un’esperienza tanto cruciale quanto immatura”⁵. Tuttavia, è forse proprio in questa problematicità – a tratti sconfinante in una vera e propria paradossalità – che risiede il fascino di Socrate, la sua capacità di fungere da paradigma dell’intero pensiero occidentale.

ALESSANDRO STAVRU

FERREIRA, José Ribeiro, *Mitos das origens – Rios e raízes*, Coimbra, Coleção Fluir Perene, 2008, 143 pp. ISBN: 978-989-95751-0-3

É este o volume inaugural da coleção *Fluir Perene*, dirigida por José Ribeiro Ferreira, o autor do estudo agora publicado. Logo no “Prefácio” da obra, insiste-se na natureza didáctica deste pequeno livro, pensado, antes de mais, para servir de apoio às cadeiras de Mitologia e de Mitologia Greco-latina. De resto, Ribeiro Ferreira sublinha também, nesse mesmo ponto, que toda a coleção *Fluir Perene* se deverá reger por idênticos objectivos (pp. 5-6): “Acolherá ela não apenas trabalhos de investigação, mas também de criação, de poesia, traduções de obras gregas e latinas, breves reflexões, curtas apreciações de livros. Basta que apresentem ligação, ténue que seja, com a cultura greco-romana – a seiva que perene flui ou rio que não pára de correr, que nunca é o mesmo, mas a todos banha e alimenta.” Insiste-se, portanto, no carácter de grande divulgação que marcará os volumes a publicar, da mesma forma que se abre espaço para que os trabalhos sejam produzidos não apenas por académicos de carreira, mas igualmente por jovens investigadores ou artistas que só agora começam a ensaiar os primeiros passos no mundo da edição. Este aspecto constitui, aliás, uma das vertentes do projecto mais notórias e dignas de registo. Por outro lado, há ainda que ressaltar o facto de que, sendo embora moderadas as tiragens em papel, isso não impedirá a divulgação dos trabalhos a nível global, uma vez que a coleção é completada por um portal

⁵ M. Vegetti, *Quindici lezioni su Platone*, Torino, Einaudi, 2003, 36 sqq.

(<http://www.fluirperene.com>), que conjuga não apenas uma biblioteca *on-line* com os trabalhos que vão sendo publicados, como ainda um *blog*, que permitirá uma dinâmica muito mais activa de interacção com os cibernautas.

Depois do “Prefácio” e de uma breve “Introdução”, onde se reflecte sobre a natureza do mito, o A. abre uma secção do livro que conjugará algumas análises subordinadas ao tema geral da “Origem do mundo e dos deuses” (pp. 11-59). O primeiro a ser abordado é o “Mito pelásgico” (pp. 11-15), onde Eurínome desempenha um papel fundamental, pois, conforme salienta o A. (p. 11), é “uma divindade feminina que, etimologicamente, significa “a que domina em grande extensão” (de *eurys* “extenso” e *nomos* “lei”, que se liga ao verbo *nemein* “governar”, “dominar””. Embora breve, a análise evoca as linhas essenciais do mito, além de que salienta, de forma pertinente, as relações que a saga de Eurínome/Ofion estabelece com os mitos órficos da criação, bem como com a tradição do Ovo Universal. Esta primeira abordagem concatena-se naturalmente com o capítulo seguinte (“Mito homérico da origem do mundo”, pp. 17-35), centrado agora sobre o Oceano e Tétis (a titânide e não a nereide com o mesmo nome, em português, embora em grego a grafia seja distinta). De facto, o A. salienta que o mito homérico de criação (p. 27) “é, no fundo, outra versão do mito pelásgico, já que, como Eurínome, Tétis reinava no mar e Oceano envolvia o Universo, como Ofion”. E outro tanto se pode afirmar quanto às cosmogonias órficas, que partilham o papel primordial dado, por exemplo, à Noite (e ao Ovo Universal já anteriormente referido), como se pode ver, por exemplo, na cosmogonia parodiada nas *Aves* de Aristófanes (vv. 693-702) ou então no Papiro de Derveni. É a esta questões e a paralelismos com mitos conhecidos do Próximo Oriente (retomados em especial na segunda e terceira partes do volume) que o A. dedica interessantes e úteis reflexões na parte final desta secção.

Dentro ainda desta primeira série de mitos, o A. aborda também o tema “O mito olímpico e mitos filosóficos da génese do mundo” (pp. 37-59), numa análise centrada em Homero e sobretudo em Hesíodo, dois autores que não podem deixar de ser ponderados em conjunto, em múltiplas matérias que vão desde a linguagem e estilo ao fundo arqueológico e social, mas em particular no que diz respeito às cosmogonias e teogonias helénicas, pois são os grandes responsáveis pela organização das linhas essenciais da mitologia grega. A estas figuras maiores da cultura grega, vem juntar-se também o contributo de Ovídio, cujas *Metamorfoses* constituem uma outra fonte determinante. Ao concluir esta primeira parte, o A. sublinha oportunamente o facto de que (p. 59), “se estivemos com atenção, demos conta de que, nestas lutas pelo domínio do Universo, entre forças mais primitivas e violentas e outras mais evoluídas e já dominadas pelo sentido de justiça, ainda se não falou do homem. Tudo se passa num plano superior, entre forças divinas, num plano cósmico, se assim se entender. O homem aparecerá mais tarde, modelado por Prometeu, filho de Jápeto – com autorização dos deuses, a cuja

origem e evolução acabámos de assistir”. A criação do homem surge, portanto, na sequência de um longo e atribulado processo que se traduzira na génese do mundo e dos deuses.

A humanidade completa, por conseguinte, o ciclo iniciado pelas cosmogonias e teogonias. E se bem que as relações que os homens estabelecem com as divindades nem sempre sejam pacíficas (a ponto de estas tentarem a sua destruição), os deuses ainda assim acabam por reconhecer que necessitam da raça humana – por mais imperfeita e contraditória que seja. É sobre estas questões que incide a segunda parte do volume, ao abordar o tema “Criação do homem – o Dilúvio” (pp. 61-98). Depois de uma breve “Introdução” (pp. 63-65), onde chama a atenção para o facto de a criação da humanidade derivar não da linha de Cronos, mas de um outro Titã (Jápeto) e da ninfa Clímene, o A. irá abordar um motivo central nesta problemática: “Prometeu e a humanidade” (pp. 67-82). São aqui evocados, com clareza e sentido de oportunidade, as linhas essenciais do mito: a visão de Prometeu como benfeitor (e mais tarde criador) da humanidade, o roubo do fogo, a criação de Pandora, o surgimento dos males no mundo e a tão debatida interpretação da natureza da esperança. Em termos metodológicos, o A. assume a opção – que marcara já os capítulos anteriores e é, de resto, a mais correcta – de ir sustentando as afirmações com o cotejo das fontes mais importantes, que neste caso são sobretudo Hesíodo (*Teogonia, Trabalhos e Dias*), Ésquilo (a propósito do *Prometeu Agrilhado*), bem como Apolodoro e Ovídio (*Metamorfoses*).

É significativo que a criação da humanidade dê, em seguida, origem a mitos que retratam a “Degradação e castigo dos homens”, assunto que ocupará a última parte deste segundo capítulo (pp. 83-98). A questão do declínio qualitativo da raça humana relaciona-se directamente com o tema do Dilúvio, sendo que, na tradição grega, há mais do que uma calamidade com essa natureza, como demonstram os dilúvios míticos gregos de Ogígia, de Atlântida e de Deucalião. O A. vai dar preferência aos dois últimos, por estarem ambos ligados à figura de Jápeto. Explora, assim, brevemente o mito de Atlântida, um vasto reino governado por Atlas e que, apesar de paradisíaco, acabaria destruído por um cataclismo enviado pelos deuses, em punição da crueza e agressividade dos seus habitantes. A análise mais longa vem dedicada, no entanto, ao chamado Dilúvio de Deucalião e Pirra (filhos de Prometeu e de Epimeteu, respectivamente), tendo por fio condutor as narrativas de Hesíodo e de Ovídio. Além das causas da degradação humana, que levam o A. a evocar o mito das quatro (ou cinco) idades ou crimes horrendos perpetrados pelos homens (como o recurso à antropofagia enquanto exemplo duplamente insolente de testar os deuses), a análise termina com a descrição das várias formas de procurar repovoar a terra – o que corresponde à aceitação implícita de que os deuses necessitam também da humanidade para verem reconhecido o seu poder.

A parte final do volume contempla uma evocação breve de “Mitos da criação em outros povos” (pp. 99-115), mas que permite, ainda assim, estabelecer

interessantes confrontos com outras culturas, pois, como o A. salienta logo na abertura (p. 99), o “mito do Dilúvio de Deucalião tem paralelos com narrativas da Ásia, da região da Mesopotâmia: com a narração bíblica de Noé, com as descrições que encontramos no *Gilgamesh* e no poema babilónico de *Atramhasis*”. Embora sem terem forçosamente uma origem idêntica, estes mitos ilustram ainda assim formas semelhantes como a humanidade foi interpretando a relação com os outros humanos, o Cosmos e os deuses.

O volume contempla, por fim, algumas referências bibliográficas, um apêndice com os textos que foram sendo discutidos ao longo da discussão e um quadro sinóptico da genealogia dos principais deuses gregos. Teriam sido úteis, igualmente, um índice onomástico e um índice de assuntos, para facilitar uma consulta rápida, se bem que a clareza e simplicidade da linguagem, bem como a extensão comedida do livro acabem por convidar antes a uma leitura integral do volume, cumprindo assim (e com óbvias vantagens) os objectivos didácticos que assistiram à sua *gênese* – para recorrermos a um termo que remete para o tema central da obra.

DELFIN FERREIRA LEÃO

GONZÁLEZ ROLÁN, Tomás, *EX CASTRO. Cartas desde la prisión papal de Sant’Angelo entre los humanistas de la Academia Romana y su Alcaide, Rodrigo Sánchez de Arévalo: Introducción, edición crítica, traducción y notas* (colab. J. M. Baños Baños e A. López Fonseca), Madrid, Ediciones Clásicas, 2008, 328 pp. ISBN: 84-7882-636-X

Um caso singular e possivelmente único na história das prisões deu-se quando em Roma, a partir de 28 de Fevereiro de 1468, por ordem do Papa Paulo II (1464-1471), os membros mais ilustres da Academia Romana foram acusados de conspiração política, contra o poder papal, e de levarem vida licenciosa e herética, sendo encarcerados na prisão do Castelo de Sant’Angelo, de que era Alcaide o bispo segoviano Rodrigo Sánchez de Arévalo (1404-1470).

Os humanistas no cativeiro escreveram ao Papa e aos cardeais de quem, curiosamente eram secretários, sem que se dignassem responder-lhes. Apenas Rodrigo Sánchez de Arévalo, Alcaide do castelo, além de os tratar o mais humanamente possível, estabeleceu com eles intensa e copiosa correspondência que, em boa parte, se conservou em vários manuscritos, que nesta obra se editam e traduzem pela primeira vez, no seu conjunto.

Estas as considerações que figuram no prólogo deste livro (p. 11) e servem de apresentação na contracapa. Mas esta obra é de um alcance muito mais vasto: nela se aprofundam as relações culturais de Espanha e Itália e se apuram as raízes e a especificidade do Humanismo espanhol.